

RICHARD ZIMLER E A AUTO-IDENTIFICAÇÃO: O PAPEL DO TRADUTOR NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO SER

HELENA ANACLETO-MATIAS
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto

Sinopse

A definição do ser baseia-se na memória da herança das gerações passadas. Quando se fala de herança cultural de um grupo étnico específico, a tradução do ser pode identificar-se com a continuação de tradições passadas, tendo em vista um futuro melhor.

A psicologia da memória coletiva no processo de auto identificação está relacionada com a preservação de características etnológicas, sociológicas e antropológicas que apontam para as tradições do grupo.

Baseada na análise da tradução de “O Último Cabalista de Lisboa”, cujo original foi escrito por Richard Zimler que é proposta para esta abordagem, tentar-se-á sublinhar a importância dos estudos da tradução para clarificar a necessidade de auto identificação baseada na memória e na expressão.

A metáfora da tradução enquanto porta e do tradutor como uma ponte são conceitos chave no processo de tradução. Ambos podem ser a prova do papel fundamental do tradutor. A (in)visibilidade do tradutor, enquanto autor de uma obra de arte, será focada como uma característica ilustrativa que pode ser (ou não) reveladora da auto identificação, tanto do autor, como do tradutor enquanto autor.

Será que o tradutor é a definição da auto identificação do autor? Será que a identificação da obra de arte é pertinente no contexto histórico-literário, na era contemporânea? Será que Richard Zimler é um bom exemplo da identificação de um grupo minoritário? Será que “The Last Cabbalist of Lisbon” é um retrato de tradições étnicas convertido em prosa? Será que a reação do público leitor e dos críticos é responsável pela imagem auto definida/auto definidora da identificação do autor e da obra de arte?

Estes e outros aspetos relacionados serão abordados através de uma análise comparativa da tradução com o original, para ilustrar o princípio da necessidade da auto identificação baseada na identificação do grupo.

A definição do ser baseia-se frequentemente na celebração da herança das gerações passadas. O sentido de pertencer a umas raízes arcaicas ou de pertencer à linhagem ancestral, tem tanto a conotação de se ser orgulhoso do passado como de estar motivado para continuar a tradição no futuro.

Quando se pensa na herança cultural de um grupo étnico específico, neste caso concreto, no grupo de raízes judaicas no contexto Norte-Americano, a tradução do ser pode consistir na perpetuação de tradições passadas que almejam um futuro promissor. Talvez o caso especial dos judeus americanos enquanto grupo étnico não se possa representar enquanto grupo único: ninguém deve esquecer que existem os Sefarditas, os Askenazis, os Ortodoxos e os menos ortodoxos; há, portanto, muitas variantes dentro do mesmo grupo étnico. No entanto, existe uma característica que tem um peso histórico em relação a todos os Judeus e que é a rejeição, e mesmo a perseguição. O anti-semitismo pode ter raízes antigas, com mais de 2000 anos, desde a morte de Jesus Cristo; e as perseguições podem ter as suas raízes na Europa medieval, durante as crises da peste negra, quando os Judeus eram acusados de envenenarem os poços, já que o facto de se lavarem antes das orações mais frequentemente que os Cristãos, resultava numa taxa de mortalidade mais reduzida que nestes.

Ademais, convém não esquecer os Autos de Fé impostos pela Inquisição, os *Pogroms* judeus na Rússia, durante o período Czarista e o holocausto do século XX durante a II Guerra Mundial. O sentido de pertencer está diretamente relacionado com o sentido do ser.

A psicologia da memória coletiva dos judeus norte-americanos enquanto grupo está marcada pela dor, pelo luto, pela resistência e pela coragem. Ainda não se perguntou a Richard Zimler se este se identifica com o grupo étnico dos

judeus americanos, mas sabe-se que a mãe do autor, Ruth, professa a religião judaica. Frequentemente a auto identificação está relacionada com a preservação de características antropológicas, étnicas e sociológicas e das características da tradição do grupo – e neste sentido, pode-se apontar que Zimler faz reviver, ou recupera, memórias dos judeus na sua Trilogia Zarco.

Focar-se-á aqui, sobretudo, “O último cabalista de Lisboa”, já que é o primeiro da trilogia a ter sido publicado em Portugal. Defender-se-á aqui que o autor da tradução de “O último cabalista de Lisboa”, José Lima, detém uma responsabilidade fundamental na construção do sentido do ser relacionado com as raízes judaico-americanas de Zimler.

Especificamente para esta abordagem, tentar-se-á sublinhar a importância do tradutor, enquanto agente artístico do texto de chegada, tentando clarificar a necessidade da auto identificação baseada na memória e na expressão. Poder-se-á discordar, ou pelo menos não concordar completamente com Jean-Jacques Sueur quando afirma: “Le traducteur n’a pas pour mission de se substituer à l’auteur” (2007: 163). Esta afirmação implica que o tradutor tem uma missão – e concorda-se com tal – mas Sueur fala acerca de “substituir o autor” – preferir-se-ia, neste contexto, chamar o tradutor como “autor do texto de chegada”.

A noção que aqui se propõe parte do princípio de que se reconhece legitimidade ao tradutor enquanto autor e agente ativo no processo de tradução. Acrescentar-se-ia que, no caso de “O último cabalista de Lisboa”, o tradutor José Lima ajuda a divulgar a consciência que Zimler tem acerca da sua própria identidade como alguém que tem raízes judaicas.

Ao produzir a tradução, Lima atua na construção da voz narrativa de Berequias Zarco, o protagonista e, conseqüentemente, participa na consciencialização da auto identificação do autor Richard Zimler.

Quando se assume que o papel do tradutor e, como conseqüência, a sua missão, é servir como ligação na cadeia da compreensão linguística, todo o exposto faz sentido. Existem múltiplas línguas e os intérpretes e os tradutores ajudam as outras pessoas a entenderem-se mutuamente. Num período Adâmico, quando apenas existia uma língua que era a do Verbo do Livro do Génesis, todos podiam comunicar entre si e a compreensão reinava entre as consciências do ser; mas após o episódio da Torre de Babel, tudo mudou. É curioso notar nesta instância que Françoise Wuilmart observou com muita propriedade: “la malédiction de Babel a fait notre bonheur, à nous les traducteurs, Dieu est donc notre plus ancien et notre plus grand pourvoyeur d’emploi” (Wuilmart, 2000:16). Mas a auto identificação enquanto pertença a um grupo por parte dos judeus norte-americanos, é não apenas uma afirmação étnica, mas também uma afirmação política no contexto da política internacional, neste caso relacionando a ideologia com a língua que é defendida através da Literatura.

Huiping Wu afirmou: “wegen der engen Verknüpfung zwischen Sprache und Politik wird die Sprachpolitik bzw. das Sprachenregime einer internationalen Institution von politischen, wirtschaftlichen und kulturellen Machtverhältnissen bestimmt” (Wu, 2004: 110); o mesmo é dizer que a língua e a política estão intrinsecamente ligadas e a política da língua, mesmo até de instituições internacionais, é definida pelas relações de poder e pelo equilíbrio político, económico e cultural. Também será interessante focar a vertente cultural e tomar como exemplo a literatura e a etnicidade como as formas desse equilíbrio. Com a trilogia Zarco, Richard Zimler identifica-se com os judeus portugueses que sofreram perseguições e, de uma maneira geral, Zimler define-se enquanto judeu norte-americano – nem que se tratasse apenas da construção das obras conjuntamente com a participação dos seus tradutores, conseguiriam garantir a existência da identificação do ser baseada na memória das experiências desse grupo étnico.

“Le traducteur est un ‘passeur’ entre les langues et les cultures: quelqu’un qui introduit quelque chose de l’autre regard dans sa propre langue, dans sa propre culture”, disse Françoise Michaut (Sueur, 2007: 163) em «Les résistances du texte». É realmente verdade: a missão do tradutor é não apenas produzir um texto enquanto autora ou autor, ligando as línguas e as culturas, mas também contribuir para a sua língua, provando que, de facto, também é um autor, autónomo, talvez limitado pelo texto de partida, mas suficientemente criativo para se poder considerar independente. De acordo com o já citado J. J. Sueur, e parafraseando a distinção que faz entre dois tipos de tradução, dir-se-á que ao citar George Steiner, Sueur identifica: “strictly literal translation” (tradução estritamente literal) e “Translation with the help of a faithful text, but at the same time autonomous (an adequate text in its own language and that stands for itself, without external helps)” (tradução com a ajuda de um texto fiel, mas simultaneamente autónoma – um texto adequado na sua própria língua que se auto afirma, sem ajudas exteriores). Geralmente, os críticos condenam a primeira categoria por estar perto demais do original, arriscando-se a ser ilegível; a segunda categoria é um compromisso: a imagem vive por si e independente de tudo o resto e pode ser mais ou menos adequada. É legível, “limpa”, é o lugar que James Boyd White imaginou, onde se pode traduzir a

língua do autor para a outra língua, quando os dois textos acabam por possuir o mesmo nível de importância (Sueur, 2007: 162).

Ainda acerca de ser demasiadamente literal, Ruffier-Meray qualificou esse texto como sendo sem sentido: “le non sens d’une interprétation littérale” (Sueur, 2007: 236). A ideia que advoga o ser-se literal como uma estratégia desadequada em termos de tradução leva a apontar que esta situação apenas contribui para que seja um outro argumento a favor da ideia do tradutor como sendo responsável pela consciência do ser. Não se está presentemente a dizer que José Lima na sua tradução “O último cabalista de Lisboa” não foi suficientemente literal em relação a “The Last Cabbalist of Lisbon” de Zimler; o que se pretende dizer é que Lima alcançou a autonomia, a fluência e a fidelidade na sua versão. A sua conquista apenas defende Zimler enquanto uma das vozes americanas judias mais importantes na cidade do Porto contemporânea.

Poder-se-á nesta instância focar-se a problemática referente à condição da traduzibilidade de um texto: nesta polémica, defender-se-á que todos os textos são traduzíveis, diferentemente daquilo que François Ost parece acreditar quando afirma: “(...) toute traduction (et pas seulement la traduction littéraire) est impossible : les énoncés sont incommensurables, dès lors qu’ils sont issus de langues dont les structures sont étrangères l’une à l’autre” (Ost, 2007:16). O acordo poderá não ser total com esta afirmação. Qualquer professor de interpretação e de tradução, sobretudo científica e técnica, deveria dar os primeiros passos na tradução literária e em todas as instâncias, defendendo que os textos são traduzíveis – apenas o talento dos profissionais da tradução e os seus recursos são determinantes da qualidade do seu trabalho.

É inevitável observar que Lima deve ter feito uma investigação profunda enquanto estava a produzir a tradução de “O último cabalista de Lisboa” sobre a cultura portuguesa dos tempos da Inquisição e as interrelações entre católicos e judeus durante essa época. Também não deve haver dúvidas relativamente às estruturas numa língua que podem encontrar um equivalente razoável, pelo menos em termos metafóricos. Talvez seja uma perspetiva otimista quanto às (im)possibilidades de traduzir qualquer texto, mas pode-se defender que a auto definição do ponto de vista do autor e a construção do seu ser são apoiadas pela existência de uma tradução do texto e, especialmente, pelo papel do tradutor nesta problemática, que é fundamental.

Ainda sobre o papel da tradução na construção do sentido do próprio sentido de identificação; Michael Cronin defendeu: “Translation is central to any proper understanding of the emergence of cultural identity in human history” (Cronin, 2006: 1) e continua, acrescentando: “... from the household to the city of the world, translation must be at the centre of any attempt to think about questions of identity in human society” (Cronin, 2006: 1). Concorda-se com esta afirmação, de novo de Cronin, que aponta para o tradutor como pertencente a uma espécie especial, por assim dizer:

“... all translators are cultural cosmopolitans, in that going to the other text, the other language, the other culture, involves that initial journey away from the location of one’s birth, language, upbringing... But there is of course another dimension which is that translators are expected to be fully in possession of the language and culture of the location of their birth and/or upbringing if they are to function effectively as translators, whether into or out of the native tongue” (Cronin, 2006: 11-12).

As metáforas da tradução enquanto porta e do tradutor enquanto ponte são conceitos chave no processo de tradução. Ambas podem ser a prova do papel crucial do tradutor. A (in)visibilidade do tradutor enquanto autor de uma obra de arte é focada como a característica que define o que pode ser – ou não – revelador da auto identificação, tanto do autor como do tradutor enquanto autor.

Será que o tradutor é uma definição da auto identificação do autor? Será que a auto identificação de uma obra de arte é pertinente no contexto histórico-literário da era contemporânea? Será que Richard Zimler é um bom exemplo da identificação de um grupo minoritário? Será que “O último cabalista de Lisboa” é o retrato de uma tradição étnica traduzida em prosa? Será que a reação do público leitor e dos críticos é responsável pela imagem auto definida/auto definidora da identificação do autor e da obra de arte?

Estas são pistas de reflexão que poderiam fornecer material interessante. Também é necessário refletir quanto ao papel da tradução comparada com o original para ilustrar o princípio da necessidade da auto identificação baseada na identificação com o grupo.

O senso comum indica que quando alguém pretende identificar-se começa por se apresentar indicando o seu nome, talvez a idade, a profissão. Seguidamente, a pessoa pode alargar a rede de relações para fornecer mais pormenores acerca de si próprio – e talvez fale da família na qual está inserido, a comunidade local à qual pertence e o grupo étnico que é o seu. O senso comum diz que muitas pessoas se podem auto identificar citando a sua nacionalidade ou, se preferirem uma definição mais alargada, podem dizer: “sou um europeu”, “sou um americano”, “sou um lusofalante” ou algo similar.

Nos anos 60, durante o Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos da América, muitas pessoas se auto definiam como pertencentes à “Raça Humana” quando os censos inquiriam acerca da raça. Tudo isto para afirmar que a definição verbal pode variar tanto como aqui se espelha. Depois existe a imagem que se deve ter em conta – a roupa que se usa, como se penteia, se se usa maquilhagem ou não, barba, bigode ou outra particularidade – todo o tipo de definição do ser através da imagem.

Para atingir a auto definição, um livro deve oferecer um título numa capa apelativa que é graficamente estudada em termos de marketing para vender mais cópias e, se possível, tornar-se num *best-seller*. Os germanófonos têm a expressão “Kleider machen Leute”, querendo dizer que “o hábito faz o monge”, ou seja, a imagem exterior pode influenciar o estatuto social que se vê reconhecido enquanto o seu. Mas a tradução é capa da língua e ajuda o autor e o tradutor a construírem a sua auto identificação com a ajuda da memória na literatura.

Bibliografia

Cronin, Michael, *Translation and Identity*, London and New York, Routledge, 2006.

Ruffier-Meray, Melle, “Lire la partition juridique”, in *Interpréter & traduire*, Bruylant: Bruxelles, pp. 233-273, 2007

Sueur, Jean-Jacques (Ed), in *Interpréter & traduire*, Bruylant: Bruxelles, 2007.

Wuilmart, Françoise, “Traduire, c’est lire”, in *Ecrire et traduire*, Charles Libens (ed), Ed Luc Pire: Bruxelles, 2000.

Wu, Huiping, “Das Sprachenregime der Institutionen der Europäischen Union zwischen Grundsatz und Effizienz”, in *Angewandte Sprachwissenschaft*, Rudolf Hoberg (ed), Peter Lang: Frankfurt am Main, Band 15, 2004.

Zimler, Richard, *Guardian of Dawn*, Bantam Dell, Random House, Inc.: New York, 2005.

Zimler, Richard, *Goa ou o Guardiã da Aurora*, Gótica: Lisboa, 2005.

Zimler, Richard, *O último cabalista de Lisboa*, Quetzal Edições: Lisboa, 1999.